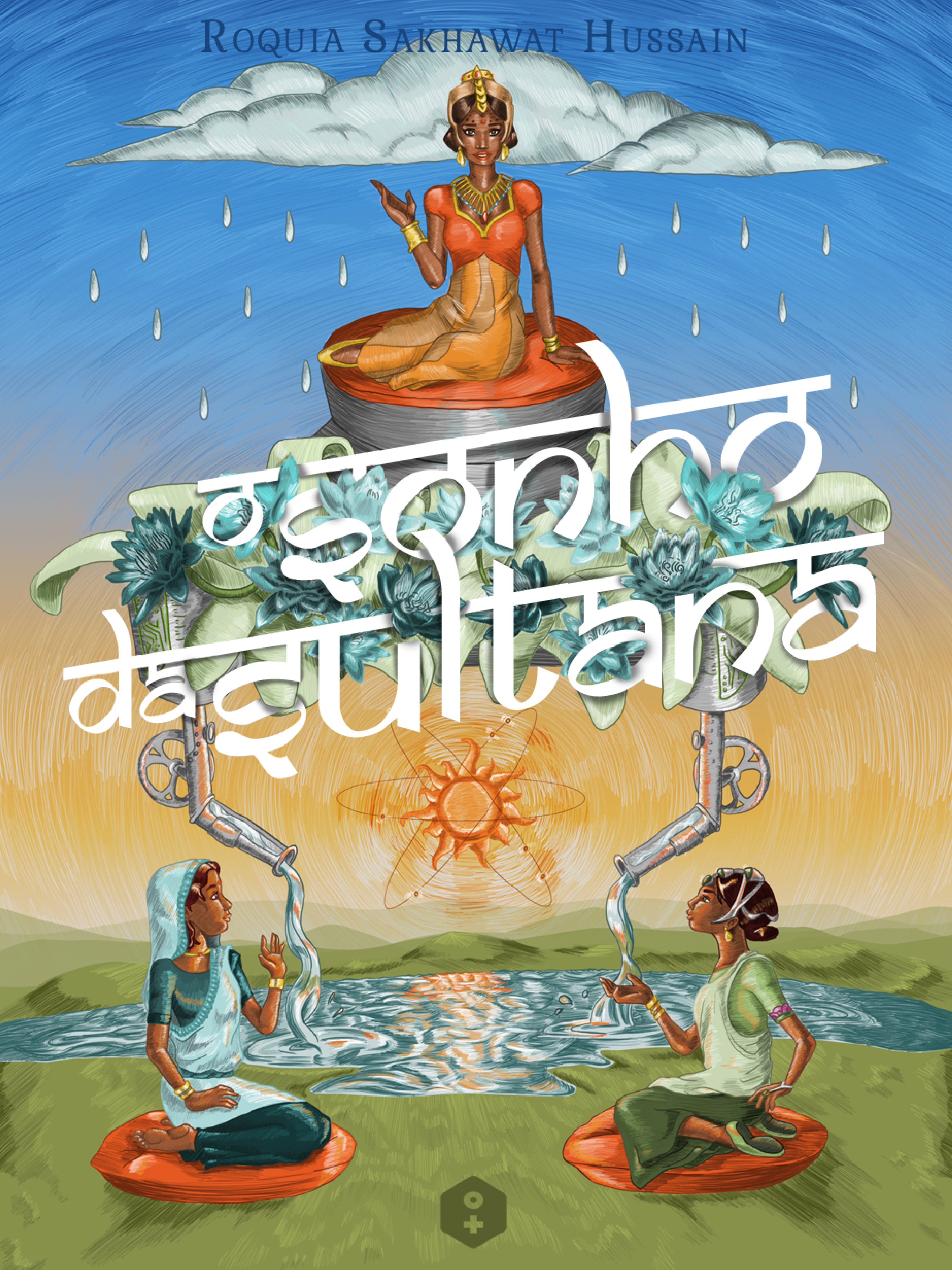
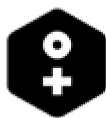


Roquia Sakhawat Hussain
o sonho da sultana

Índice

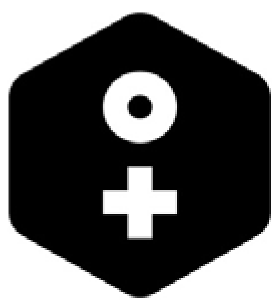
Universo Desconstruído apresenta:



O SONHO DA SULTANA

Roquia Sakhawat Hussain

Tradução: Lady Sybylla



Créditos

Tradução
Lady Sybylla
momentumsaga.com

Edição, revisão e capa
Aline Valek
alinevalek.com.br

Avisos Legais

Prefácio

A Ficção Científica sempre nos mostrou que há outras possibilidades para o nosso futuro, seja em relação à tecnologia ou à sociedade. Em histórias que extrapolam os limites da nossa realidade, ela nos permite refletir e imaginar: e se as coisas fossem diferentes?

Foi a partir dessa especulação que, há mais de um século, uma mulher se permitiu imaginar um mundo diferente, superando todo o contexto de opressão que se impunha sobre o seu gênero. Esta mulher foi Roquia Sakhawat Hussain, uma importante feminista muçulmana bengali, e a sua ousada especulação levou à escrita do conto *O Sonho da Sultana* (“*Sultana’s Dream*”, no original), publicado em 1905 pela revista *The Indian Ladies Magazine of Madras*.

O Sonho da Sultana, além de ser a obra mais conhecida de Roquia e parte importante da literatura bengali, é um clássico da ficção científica feminista, sendo um dos primeiros contos deste sub-gênero que se propõe a levantar questões relacionadas aos papéis de gênero na sociedade e a questionar a desigualdade entre homens e mulheres.

Roquia imaginou uma utopia onde mulheres comandam todos os segmentos da sociedade e os homens são segregados e isolados da vida pública, em uma inversão de valores da *purdah*. *Purdah* (ou *pardaa*) é a prática de impedir mulheres de serem vistas pelos homens, exceto pelos parentes masculinos diretos. É uma forma de separação entre os universos masculino e feminino, sendo sua máxima expressão a obrigatoriedade do uso da *burca* e do *niqab*. Esta é uma prática bastante comum – não só na época de Roquia, mas ainda hoje – em países muçulmanos e em algumas partes da Índia, especialmente naquelas onde a fé islâmica é adotada pela maioria da população.

A inversão de papéis em *O Sonho da Sultana* não deve ser entendido como uma proposta de reverter a opressão sofrida pelas mulheres impondo-a aos homens, mas sim como uma crítica às restrições impostas à vida das mulheres e como uma tentativa de trazer reflexão sobre a posição feminina na sociedade. Colocar os homens no papel do oprimido, historicamente reservado às mulheres, foi um chamado ao questionamento, uma forma de causar estranheza ao quebrar uma situação que até então estava naturalizada; algo extremamente inovador em 1905, época em que os movimentos sociais começavam a pulular pelas sociedades, em especial as ocidentais, com reivindicações por parte de mulheres por mais direitos e por mais participação política, social e trabalhista.

A leitura de *O Sonho da Sultana* também deve levar em conta a principal luta de Roquia como feminista e ativista social: o direito de meninas e mulheres à educação formal. Ela acreditava que a opressão ao gênero feminino era uma corrupção dos verdadeiros ensinamentos do Islã e que mulheres que pudessem atingir plenamente seu potencial eram uma verdadeira amostra da glória de Alá. Em uma conferência sobre educação em 1926, ela declarou: “os opositores da educação feminina dizem que as mulheres são incontroláveis... Que vergonha! Dizem ser muçulmanos e ainda vão contra o princípio básico do Islã, que dá direitos iguais à educação. Se os homens não foram desviados, uma vez educados, por que seriam as mulheres?”.

O direito das mulheres à educação nos países muçulmanos mostra-se, ainda hoje,

uma questão não superada, tendo encontrado na jovem paquistanesa Malala Yousafzai uma nova voz. Por essa razão, a mensagem de *O Sonho da Sultana* continua atual, ao mostrar através de um mundo fictício, bastante avançado tecnologicamente, o potencial que as mulheres podem atingir se forem livres para estudar, criar, inventar e construir conhecimento. A história reflete a forte convicção de Roquia que, se mulheres pudessem trabalhar na profissão que escolhessem, trariam um fim à discriminação e à opressão; o que faz com que essa escritora, que teve forte expressão em sua época, seja de fundamental importância também na atualidade, ao inspirar meninas e mulheres no interesse pela ciência e pela tecnologia.

É importante entender o conto dentro do contexto de sua época; assim como Cristina de Pisano (1364-1430), tida como uma precursora do feminismo e tendo criticado abertamente a misoginia medieval, defendendo a maior participação das mulheres na vida cotidiana, Roquia é também uma testemunha de seu tempo. Seus escritos relatavam o que ela vivia e sentia, além da importância de rever os papéis de gênero e de se educar as mulheres.

O Sonho da Sultana cumpre de forma fantástica e intrigante os aspectos que o caracterizam tanto como ficção científica quanto feminista. Tanto é que nos inspirou a criar o Universo Desconstruído, um projeto que começou como uma coletânea de contos de ficção científica feminista e com o objetivo de quebrar estereótipos que recaem sobre as mulheres e sobre o feminismo. Nada mais justo do que agradecer a Roquia por essa inspiração, ao resgatar essa preciosidade que até então não havia sido traduzida para o português, em uma edição disponibilizada gratuitamente em e-book.

Com isso, queremos não só tornar possível o acesso a uma obra clássica, mas repercutir o questionamento levantado por Roquia, esperando que possa resultar em um futuro com mais igualdade e menos opressão.

Acreditamos que, um dia, isso possa ser mais do que um sonho.

Universo Desconstruído
São Paulo, julho de 2014.

O Sonho da Sultana

Roquia Sakhawat Hussain

Certa noite, estava eu descansando numa poltrona em meu quarto e pensando, preguiçosamente, na condição de ser uma mulher indiana. Não tenho certeza se cochilei. Mas, pelo que me lembro, estava bem acordada. Vi distintamente o céu enluarado brilhando como diamantes, com milhares de estrelas.

Então, de repente, uma senhora estava diante de mim. Como ela veio, não sei. Eu a tomei como minha amiga, Irmã Sara.

– Bom dia – disse Sara.

Ri por dentro, pois sabia que não era de manhã, mas sim uma noite estrelada. No entanto, eu respondi:

– Como vai?

– Eu estou bem, obrigada. Será que você poderia sair e dar uma olhada em nosso jardim?

Olhei de novo para a lua através da janela e pensei que não havia mal nenhum em sair naquele momento. Os servos do lado de fora estavam dormindo e eu poderia ter um agradável passeio com Sara.

Eu costumava ter minhas caminhadas com Irmã Sara quando estávamos em Darjeeling[1]. Andávamos de mãos dadas e falávamos, despreocupadamente, nos jardins botânicos de lá. Imaginei que Sara provavelmente tinha vindo para me levar a tal jardim e, prontamente, aceitei a oferta e saí com ela.

Ao caminhar, para minha surpresa, encontrei uma bela manhã. A cidade estava completamente acordada e as ruas estavam vivas com multidões agitadas. Eu estava muito tímida, pensando que eu estava na rua, em plena luz do dia, mas não havia um único homem à vista.

Algumas transeuntes fizeram piadas para mim. Embora eu não pudesse entender sua língua, tinha certeza que elas estavam brincando. Perguntei à minha amiga:

– O que elas dizem?

– Elas dizem que você é muito masculina.

– Masculina? Como assim?

– Elas querem dizer que você é tímida como os homens.

– Como os homens?

Aquilo era piada. Fiquei muito nervosa quando descobri que minha acompanhante

não era Irmã Sara, mas uma estranha. Oh, como fui tola em confundir esta senhora com minha querida e velha amiga Sara. Ela sentiu meus dedos tremerem em sua mão, já que andávamos de mãos dadas.

– Qual é o problema, querida? – ela disse carinhosamente.

– Sinto-me um pouco estranha – eu disse como se pedisse desculpas – pois sendo uma mulher sob a *purdah*, não estou acostumada a andar descoberta.

– Você não precisa ter medo de cruzar com um homem aqui. Esta é a TerraD'Elas, livre do pecado e do mal. Aqui reina a virtude.

Aos poucos, fui apreciando a paisagem. Realmente, era grandiosa. Confundi uma porção de grama verde com uma almofada de veludo. Sentindo como se estivesse andando sobre um tapete macio, olhei para baixo e vi um caminho coberto de musgo e flores.

– Como é lindo – falei.

– Você gosta? – perguntou Sara (continuei a chamá-la de Sara, e ela continuou me chamando pelo nome).

– Sim, muito, mas não gosto de pisar nestas lindas flores.

– Não se preocupe, querida Sultana[2], o seu pisar não lhes causará dano algum, são flores da rua.

– Todo este lugar parece um jardim – eu disse com admiração. – Vocês arranjaram cada planta com tamanha habilidade.

– Sua querida Calcutá poderia tornar-se um jardim mais agradável do que isso, se apenas seus conterrâneos o quisessem.

– Eles acham que é inútil dar tanta atenção à jardinagem, enquanto têm tantas outras coisas para fazer.

– Eles não conseguiram encontrar uma desculpa melhor – disse ela com um sorriso.

Estava muito curiosa para saber onde estavam os homens. Conheci mais de uma centena de mulheres durante a caminhada naquele lugar, mas nenhum homem sequer.

– Onde estão os homens? – perguntei à Sara.

– Em seus devidos lugares, como deveria ser.

– Diga-me, o que quer dizer com "seus devidos lugares"?

– Oh, agora vejo o meu erro. Você não pode conhecer nossos costumes já que nunca esteve aqui antes. Nós mantemos os homens dentro de casa.

– Da mesma forma que as mulheres são mantidas na *zenana*[3]?

– Exatamente.

– Que engraçado! – eu explodi em gargalhada. Irmã Sara riu também.

– Querida Sultana, sabe o quão injusto é trancar mulheres inofensivas e soltar os homens?

– Por quê? Não é seguro para nós sair da *zenana*, pois somos naturalmente mais fracas.

– Sim, não é seguro enquanto há homens perambulando pelas ruas, assim como também não é seguro quando um animal selvagem entra num mercado.

– Claro que não.

– Suponha que alguns lunáticos escapem do hospício e comecem a fazer todo tipo de maldades com homens, cavalos e outros animais. Neste caso, o que seus conterrâneos fariam?

– Eles tentariam capturá-los para mandá-los de volta para o hospício.

– Obrigada! E você não acha que seria prudente manter as pessoas sãs dentro de um asilo e soltar os loucos?

– Claro que não! – disse eu, rindo levemente.

– Justamente, em seu país, isso é feito! Homens que fazem, ou que pelo menos são capazes de fazer uma infinidade de atos maliciosos estão soltos, enquanto as inocentes mulheres estão trancadas na *zenana*! Como você pode confiar nesses homens destreinados fora de casa?

– Não temos voz alguma na gestão dos nossos assuntos sociais. Na Índia, o homem é nosso senhor e mestre. Ele tomou para si todos os poderes e privilégios e trancou as mulheres na *zenana*.

– Por que você se deixam trancafiar?

– Porque não podemos nos ajudar se eles são mais fortes que as mulheres.

– Um leão é mais forte que um homem, mas isso não permite que ele domine a raça humana. Vocês têm negligenciado os direitos que devem a si próprias. Perderam seus direitos naturais, fechando os olhos aos seus próprios interesses.

– Mas minha querida Sara, se fizermos tudo por nós mesmas, o que os homens vão fazer, então?

– Lamento. Eles não devem fazer nada, pois não estão aptos para nada. Apenas pegue-os e coloque-os na *zenana*.

– Mas seria fácil colocá-los entre quatro paredes? – eu rebati. – E mesmo que isso fosse feito, todos os seus negócios, sejam políticos ou comerciais, também iriam com eles para a *zenana*?

Irmã Sara não respondeu, apenas sorriu docemente. Talvez pensasse que era inútil discutir com alguém que não era melhor que um sapo em um poço.

Neste momento, chegamos à casa de Irmã Sara. Estava situada em um belo jardim em forma de coração. Era um bangalô com um telhado ondulado de ferro, mais fresco e agradável do que qualquer um de nossos ricos edifícios. Não consigo descrever como era limpo e de quão bom gosto era a decoração.

Sentamos lado a lado. Ela trouxe para a sala um bordado e começou um novo desenho.

– Sabe trabalhar com agulhas e tricotar?

– É tudo o que temos para fazer na *zenana*.

– Mas nós não confiamos os bordados aos membros de nossa *zenana*! – ela riu – Um homem não tem paciência suficiente nem mesmo para passar um fio no buraco de uma agulha!

– Você fez tudo isso sozinha? – perguntei, apontando para os vários bordados na mesa de chá[4].

– Sim.

– Onde encontra tempo para fazer tudo isso? Você tem que fazer o trabalho burocrático também, não tem?

– Sim. Não fico no laboratório o dia todo. Faço meu trabalho em duas horas.

– Duas horas! Como consegue? Na nossa terra, os oficiais e magistrados, por exemplo, trabalham sete horas por dia.

– Já vi alguns deles trabalhando. Acha que eles trabalham essas sete horas?

– Certamente que sim!

– Não, querida Sultana, não trabalham. Eles perdem seu tempo fumando. Alguns fumam dois ou três charutos enquanto estão no escritório. Falam muito sobre seu trabalho, mas fazem pouco. Suponha que um charuto leve meia hora para queimar e um homem fume doze por dia. Ele desperdiça seis horas de seu dia no meio da fumaça.

Conversamos sobre vários assuntos e aprendi que ali ninguém estava sujeito a doenças epidêmicas, nem sofriam de picadas de mosquito, como sofremos. Fiquei muito surpresa ao saber que em TerraD'Elas ninguém morreu na juventude, exceto por algum acidente.

– Gostaria de ver nossa cozinha? – ela perguntou.

– Com prazer – disse eu, e fomos vê-la.

É claro que os homens foram chamados para limpá-la antes da minha chegada. A cozinha ficava em uma bela horta. Cada trepadeira, cada pé de tomate era em si um ornamento. Não vi nenhuma fumaça, nem qualquer chaminé nem mesmo na cozinha, estava limpa e brilhante, com suas janelas decoradas com vasos floridos. Não havia nenhum sinal de carvão ou de fogo.

– Como você cozinha? – perguntei.

– Com a luz solar – disse ela, ao mesmo tempo, mostrando-me o tubo por onde a luz solar concentrada era conduzida. E ela cozinhava algo aqui e ali para me mostrar o processo.

– Como conseguiu coletar e armazenar a luz do sol? – perguntei com espanto.

– Deixe-me contar um pouco da nossa história. Trinta anos atrás, quando nossa atual rainha tinha treze anos de idade, ela herdou o trono. Era rainha apenas no nome, o primeiro-ministro é que realmente governava o país. Nossa gentil rainha gostava muito de ciência. Ela baixou um decreto dizendo que todas as mulheres em seu país deveriam ter educação

formal. Assim, um grande número de escolas para meninas foram fundadas, apoiadas pelo governo. A educação espalhou-se entre as mulheres. E o casamento precoce foi interrompido. Nenhuma mulher tinha permissão de se casar antes dos 21 anos. Devo dizer que, antes desta mudança, estávamos restritas pela *purdah*.

– Como a situação se inverte – eu ri.

– Mas o isolamento é o mesmo – disse ela. – Em poucos anos, surgiram universidades separadas, onde nenhum homem era admitido. Na capital, onde mora nossa rainha, há duas universidades. Uma delas inventou um maravilhoso balão, ligado a uma série de tubulações. Por meio deste balão, eles conseguem se manter sobre as nuvens, de onde podem tirar o máximo de água da atmosfera. Como a água foi incessantemente coletada pelas universitárias, mais nenhuma nuvem se formou e nossa engenhosa reitora conseguiu desse modo parar as tempestades.

– De fato! Agora entendo porque não há lama aqui! – falei.

Mas o que eu não conseguia entender era como era possível acumular água nos canos. Irmã Sara explicou como era feito, mas eu era incapaz de compreendê-la, já que meu conhecimento científico era muito limitado. No entanto, ela continuou:

– Quando a outra universidade soube disso, ficou com inveja e tentou fazer algo ainda mais extraordinário. Elas inventaram um instrumento pelo qual poderiam recolher o máximo de luz solar que quisessem. E podiam mantê-la armazenada para ser distribuída entre os outros, conforme fosse necessário. Enquanto as mulheres estavam envolvidas em pesquisa científica, os homens deste país estavam ocupados aumentando seu poderio militar. Quando eles souberam que as universidades femininas eram capazes de tirar água da atmosfera e de coletar a luz do sol, eles gargalharam, chamando a coisa toda de "um pesadelo sentimental"!

– Suas realizações são, de fato, maravilhosas! Mas diga-me, como vocês conseguiram colocar os homens de seu país na *zenana*? Vocês os capturaram?

– Não – ela respondeu.

– Não é provável que eles fossem entregar sua vida ao ar livre, por sua própria vontade e limitar-se dentro das quatro paredes da *zenana*! Eles devem ter sido dominados.

– Sim, eles foram!

– Por quem? Usou algumas guerreiras, imagino?

– Não, não foi pelas armas – Sara falou.

– Bem, imagino que não. Mas os homens são mais fortes que as mulheres. Então, o que fizeram?

– Usamos o cérebro.

– Até mesmo os cérebros deles são maiores e mais pesados que os das mulheres. Não são?

– Sim, mas e daí? Um elefante também tem um cérebro maior e mais pesado que um homem. No entanto, o homem pode acorrentar elefantes e empregá-los de acordo com seus próprios desejos.

– Bem lembrado. Mas diga-me por favor, como tudo realmente aconteceu. Estou morrendo de curiosidade!

– Os cérebros das mulheres são um pouco mais rápidos que o dos homens. Dez anos atrás, quando os militares chamaram nossas descobertas científicas de “um pesadelo sentimental”, algumas de nossas jovens estudantes queriam dizer algo em resposta a essas observações. Mas as duas reitoras de ambas as universidades as repreenderam, dizendo: “vocês não devem responder por palavras, mas sim por atos, se surgir a oportunidade.” E elas mal podiam esperar por essa oportunidade.

– Que maravilha! – bati palmas. – E agora estes orgulhosos senhores estão tendo seus próprios pesadelos sentimentais.

– Logo depois, algumas pessoas vieram de um país vizinho e se abrigaram no nosso. Eles estavam com problemas, por terem cometido algum crime político. O rei, que se preocupava mais com seu poder do que fazer um bom governo, pediu à nossa bondosa rainha para entregá-los aos seus oficiais. Ela se recusou, pois era contra seus princípios entregar refugiados. Por esta recusa, o rei declarou guerra contra nós. Nossos militares prontamente se puseram em marcha rumo ao inimigo. O inimigo, no entanto, era muito forte para eles. Nossos soldados lutaram bravamente, sem dúvida. Mas, apesar de toda a sua bravura, o exército estrangeiro avançou para invadir nosso país. Praticamente todos os homens tinham ido para a batalha; nem mesmo um garoto de dezesseis anos foi deixado em casa. A maioria de nossos guerreiros foram mortos, o resto conduzido de volta e o inimigo estava a 40 quilômetros da capital. Um número de sábias senhoras se reuniu no palácio da rainha para aconselhar sobre o que deveria ser feito para salvar nosso lar. Algumas propuseram que devíamos lutar como soldados, enquanto outras se opuseram, dizendo que mulheres não eram treinadas para lutar com espadas e armas, nem estavam acostumadas a lutar armadas. Outro grupo, infelizmente, observou que elas eram irremediavelmente mais fracas. “Se você não pode salvar seu país pela força física”, disse a rainha, “tente fazê-lo pelo poder do cérebro.” Houve um silêncio mortal por um alguns minutos. Sua Alteza Real falou novamente: “Devo cometer suicídio se minha terra e minha honra forem perdidas.”

‘Então, a reitora da segunda universidade (que havia coletado a luz solar), que permanecera em silêncio, pensando durante a reunião, observou que todas se sentiam perdidas e havia pouca esperança para elas. Havia, no entanto, um plano que ela gostaria de experimentar, e este seria o seu primeiro e último esforço; se ele não funcionasse, não haveria mais nada a fazer a não ser cometer suicídio. Todas as presentes solenemente juraram que nunca deixariam-se escravizar, não importando o que acontecesse.

‘A rainha agradeceu-lhes de coração, e pediu à reitora que executasse seu plano. A reitora se levantou e disse: “Antes de irmos, os homens devem entrar nas *zenanas*. Faço esta oração em nome da *purdah*”. “Sim, claro”, respondeu Sua Alteza Real.

‘No dia seguinte, a rainha chamou todos os homens para entrarem nas *zenanas* por uma questão de honra e liberdade. Feridos e cansados como estavam, eles acataram essa ordem, que parecia mais uma dádiva! Eles se curvaram e entraram nos *zenanas* sem proferir uma única palavra de protesto. Estavam certos que não havia esperança para o país.

‘Então a reitora, com suas duas mil estudantes, marchou para o campo de batalha, e chegando lá dirigiu todos os raios da luz solar concentrada em direção ao inimigo. O calor e luz foram demais para eles. Todos fugiram em pânico, perplexos, sem saber como neutralizar o calor abrasador. Quando fugiram, deixando suas armas e outras munições de guerra, eles

foram queimados por meio do mesmo sol e do calor. Desde então, ninguém tentou invadir o nosso país.'

– E, então, os homens nunca tentaram sair da *zenana*?

– Sim, eles queriam ser livres. Alguns dos comissários de polícia e magistrados disseram à rainha que os militares certamente mereciam ser punidos por seu fracasso, mas eles nunca negligenciaram seu dever e, portanto, não podiam permanecer presos e oravam para serem restaurados a seus respectivos cargos. Sua Alteza Real enviou-lhes um decreto, sugerindo a eles que, sempre que fosse necessário, seus serviços seriam requisitados e que, nesse meio tempo, eles deveriam permanecer onde estavam. Agora que estão acostumados com o sistema da *purdah* e deixaram de resmungar em sua reclusão, chamamos este sistema de *mardana* em vez de *zenana*.

– Mas como vocês conseguem lidar com casos de roubo ou assassinato sem a polícia e seus magistrados? – perguntei à Irmã Sara.

– Desde que a *mardana* foi estabelecida, não houve mais crimes, portanto, não precisamos de um policial para achar um culpado, nem queremos um magistrado para tentar um processo criminal.

– Isso é ótimo, de fato. Suponho que, se houvesse alguma pessoa desonesta, vocês poderiam muito facilmente puni-la. Como vocês ganharam uma vitória decisiva sem derramar uma única gota de sangue, podem também deter o crime e os criminosos sem dificuldade!

– Agora, querida Sultana, quer ficar aqui ou quer ir à minha sala de estar? – Sara perguntou.

– Sua cozinha não é inferior ao toucador de uma rainha! – respondi com um sorriso agradável – Mas devemos deixá-la agora. Se não os cavalheiros podem me xingar por mantê-los longe de suas funções na cozinha por tanto tempo.

Nós duas rimos com vontade.

– Imagino minhas amigas em casa, espantadas, quando eu voltar e dizer que na distante TerraD'Elas mulheres governam o país e controlam todos os assuntos sociais, enquanto os homens são mantidos nas *mardanas*, cuidando dos bebês, cozinhando e fazendo todo tipo de trabalho doméstico! E cozinhar é tão fácil, é um prazer!

– Sim, diga tudo o que viu por aqui.

– Por favor, diga-me, como vocês lidam com o cultivo da terra e qualquer outro trabalho braçal?

– Nossos campos são lavrados por meio de energia elétrica, que fornece força motriz para o trabalho, bem como para o nosso transporte aéreo. Não temos nenhuma estrada de ferro nem quaisquer ruas pavimentadas aqui.

– Acidentes na rua ou ferroviários não devem ocorrer aqui – eu disse. – Vocês sofrem com a falta de água da chuva?

– Não, nunca, desde que o balão d'água foi criado. Com o grande balão e as tubulações a ele ligadas, podemos tirar o máximo de água da chuva que precisarmos. Não sofremos mais com inundações ou tempestades. Estamos todos muito ocupados fazendo a natureza render o quanto ela puder. Nós não temos tempo para brigar uns com os outros já que nunca estamos

parados. Nossa nobre Rainha é extremamente apaixonada por Botânica, e sua ambição é converter todo o país em um grande jardim.

– A idéia é excelente! Como vocês mantêm o país fresco no tempo quente? Nós consideramos as chuvas no verão como uma bênção do céu.

– Quando o calor se torna insuportável, nós borrifamos o solo com chuveiros, com água extraída das fontes artificiais. E no frio mantemos nosso quarto quente com a luz solar que armazenamos.

Irmã Sara me mostrou seu banheiro, cujo telhado era removível. Ela podia desfrutar de um banho de chuveiro sempre que quisesse, simplesmente removendo o teto (que era como uma tampa) e ligando a torneira ao tubo do chuveiro.

– Vocês são um povo de sorte! – eu disse animada. – Não há escassez. Qual é a sua religião, se posso perguntar?

– Nossa religião é baseada no Amor e na Verdade. É nosso dever religioso amar uns aos outros e sermos absolutamente verdadeiros. Se qualquer pessoa for pega mentindo, ela ou ele é...

– É punido com a morte?

– Não, não com a morte. Nós não temos prazer em matar uma criatura de Deus, especialmente um ser humano. O mentiroso é convidado a deixar esta terra por bem e nunca mais chegar perto dela.

– Um criminoso nunca é perdoado? – perguntei.

– Sim, se essa pessoa sinceramente se arrepender.

– Você não tem permissão para ver qualquer homem, exceto os das suas relações?

– Ninguém, exceto relações sagradas – disse Irmã Sara.

– Nosso círculo de relações sagradas é muito limitado, até mesmo primos de primeiro grau não são sagrados.

– Mas a nossa é muito grande, um primo distante é tão sagrado como um irmão.

– Isso é muito bom. Vejo a pureza que reina sobre sua terra. Gostaria de ver a generosa Rainha, que é tão sagaz e com visão de futuro e que fez todas essas regras.

– Tudo bem – disse irmã Sara.

Então ela aparafusou um par de assentos em uma prancha quadrada. Nesta prancha, ela anexou duas suaves e bem polidas bolas. Quando perguntei o que eram aquelas bolas, Sara disse que eram bolas de hidrogênio, usadas para superar a força da gravidade. As bolas eram de diferentes capacidades para serem usadas de acordo com os diferentes pesos sobre elas. Sara, então, prendeu ao carro-voador duas lâminas semelhantes a asas que, segundo ela, trabalhavam por eletricidade. Depois de estarmos confortavelmente sentadas, ela tocou um botão e as lâminas começaram a girar, movendo-se cada vez mais rápido. Primeiramente, fomos elevadas a cerca de um ou dois metros e depois ganhamos os céus. E, antes que eu pudesse perceber que estávamos voando, chegamos ao jardim da Rainha.

Minha amiga pousou o carro aéreo, invertendo a ação da máquina, e quando o

carro tocou o chão, a máquina parou e descemos. Eu já tinha visto a partir do carro-voador a Rainha andando em um caminho de jardim com sua filha pequena (que tinha quatro anos de idade) e suas damas de companhia.

– Olá! Você aqui! – gritou a Rainha abordando Irmã Sara.

Fui apresentada à Sua Alteza Real e fui recebida com cordialidade, sem qualquer cerimônia. Fiquei muito feliz de conhecê-la. No decorrer da conversa que tivemos, a rainha me disse que não tinha nenhuma objeção em permitir que seus súditos tivessem comércio com outros países.

– Mas – ela continuou – não é possível fazer comércio com países em que as mulheres sejam mantidas em *zenanas* e, por isso, eles são incapazes de comerciar com a gente. Os homens que encontramos são baixos e sem moral e por isso não gosto de lidar com eles. Nós não cobiçamos a terra de outras pessoas, nem lutamos por um pedaço de diamante, mesmo que seja mil vezes mais brilhante que o Koh-i-Noor[5], nem invejamos um governante em seu Trono do Pavão[6]. Nós mergulhamos fundo no oceano do conhecimento e tentamos descobrir as pedras preciosas que a natureza tem guardado para nós. Nós apreciamos os dons da natureza, tanto quanto pudermos.

Depois de me despedir da Rainha, visitei as famosas universidades e vi algumas de suas fábricas, laboratórios e observatórios.

Depois de visitar tais lugares interessantes, entramos no carro-voador, mas assim que ele começou a se mover, de alguma forma escorreguei e a queda assustou-me tanto que fui expulsa de meu sonho. E, ao abrir os olhos, eu estava em meu próprio quarto, ainda descansando na poltrona!

Notas

1. *Cidade localizada no estado indiano de Bengala Ocidental. É a sede do distrito de Darjeeling, nos montes Shivalik na cadeia inferior do Himalaia, conhecida internacionalmente por seu chá.* [voltar]

2. *O termo é apresentado aqui como o feminino de sultão. Sultão é um título muçulmano usado por diversos líderes ao longo da história que, originalmente, significava força, domínio, autoridade ou poder.* [voltar]

3. *Termo utilizado pelas culturas hindu e muçulmana que significa literalmente "das mulheres" ou "pertencente às mulheres". Dá nome à uma parte da casa reservada exclusivamente às mulheres da família. A parte da casa reservada aos homens e às visitas é a mardana.* [voltar]

4. *Termo traduzido de teapoy, que na cultura indiana, originalmente, significava uma mesa baixa, com três pernas. Por sua associação com tea, também designa uma mesa para servir chá.* [voltar]

5. *Koh-i-Noor é um famoso diamante, pertencente à Coroa Britânica, que ornamenta a coroa da Rainha-mãe do Reino Unido desde 1937. A rainha Vitória o ganhou de presente depois de anexar a Índia ao império em 1850. Seu nome significa "Montanha da Luz".* [voltar]

6. *Trono de Pavão é um famoso trono, feito de ouro, engastado com jóias e pedras preciosas, onde se sentavam os líderes do império Mughal. Foi encomendado por Shah Jahan (o mesmo que construiu o Taj Mahal) no século XVII, mas foi tomado como prêmio pelo rei persa Nader Shah e está perdido desde então.* [voltar]

A Autora



Roquia Sakhawat Hussain nasceu em 1880, em um vilarejo localizado em Bengala, como era chamada essa região no nordeste da Ásia até ser dividida entre o estado indiano de Bengala Ocidental e Bangladesh, como são conhecidos atualmente.

Roquia nasceu numa família privilegiada, sendo seu pai um homem altamente instruído e pertencente às classes mais altas daquela sociedade. Além de um irmão que morreu ainda na infância, Roquia teve duas irmãs e dois irmãos. O mais velho de todos, Ibrahim, ensinou Inglês e o idioma Bengali às irmãs Roquia e Karimunnesa, que anos depois acabaram se tornando escritora e poeta, respectivamente. A família ficou contrariada, pois membros das classes mais privilegiadas da cultura muçulmana preferiam o árabe ou o persa; o Bengali, língua nativa, era considerado o idioma das massas. Mas Roquia escolheu adotar este idioma em várias de suas obras, justamente por ser o que teria maior alcance, numa notável iniciativa de democratizar o acesso à informação.

Antes de se tornar uma escritora influente em sua cultura, Roquia tornou-se esposa aos dezesseis anos. Seu marido, um magistrado de Bhagalpur, hoje um distrito do estado indiano de Bihar, incentivou Roquia a continuar estudando o Inglês e o Bengali – e sugeriu também que ela começasse a escrever. Assim Roquia começou sua carreira literária, lançando

em 1902 um ensaio escrito no idioma Bengali, intitulado *Pipasha* (que significa “Sede”).

Depois da morte do marido, Roquia fundou uma das primeiras escolas voltadas para a educação formal de garotas muçulmanas, a *Sakhawat Memorial Girls’ High School*. A escola começou apenas com cinco alunas, mas após ser transferida para Calcutá, em 1911, só cresceu. Nos dias atuais, continua sendo uma das mais populares e importantes escolas para garotas e é administrada pelo governo de Bangladesh.

Roquia também fundou a *Anjuman e Khawateen e Islam* (Associação de Mulheres Islâmicas) para discutir o papel da mulher e o direito à educação, tornando-se uma das primeiras feministas islâmicas. Sua luta era baseada no princípio de que mulheres espertas, educadas e empoderadas teriam tanta importância e responsabilidade quanto os homens na construção de uma sociedade melhor.

Parte importante da militância de Roquia era conscientizar as pessoas, especialmente outras mulheres, escrevendo inúmeros artigos, romances e contos, a maior parte deles em Bengali. Corajosa, Roquia criticava – muitas vezes usando ironia, humor e sátira – costumes opressores de sua cultura que ela acreditava ser uma distorção dos valores do Islã. Ela condenava a restrição à educação formal das mulheres sob pretexto religioso, era contra a divisão de gênero no trabalho e rejeitava a discriminação contra mulheres na esfera pública.

Suas principais obras foram: *Pipasha* (1902), *Sultana’s Dream* (1905), o romance *Padmarag*, uma utopia feminista (1924), 2 volumes da coletânea de ensaios *Motichur*, que incluem contos de fadas como *Saurajagat* (O Sistema Solar), e um ensaio para a Associação de Mulheres Islâmicas sobre os direitos da mulher, chamado *Narir Adhikar* – que ela nunca chegou a concluir.

Roquia morreu de problemas no coração no dia 9 de dezembro de 1932. Em Bangladesh, a data é lembrada até hoje como o Dia de Roquia.

Em breve

Novas traduções

Novas coletâneas de contos



universodesconstruido.com